



Relações Raciais nos Tempos de Intervalo Escolar: Os Apelidos de Jovens Negras/os

Leandro Soares Assunção Rafael¹

Juliana Batista dos Reis²

Geraldo Magela Pereira Leão³

RESUMO:

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa em andamento que busca compreender as relações étnico-raciais nos tempos de intervalo escolar. Esta pesquisa parte da compreensão de que o intervalo é um momento de socialização e parte da premissa que na escola os estudantes negros são marcados profundamente pelas opiniões emitidas sobre seus corpos. Em 2023, iniciou-se a observação participante na instituição que possui 36,59% de estudantes autodeclarados negros, 45,16% brancos, 0,36% amarelos e 17,87% não declarados. Neste contato, destaca-se que os estudantes utilizam dos tempos e espaços de intervalo para desenvolver diferentes atividades culturais, de lazer e de militância que são observadas como momentos de encontro com diferentes formas de zoações. Nesta escola a zoação se apresenta no intervalo na forma de apelidos que utiliza de características físicas ou comportamentais de jovens negros/as para nomeá-los. Eles representam, quase sempre, a reprodução racista de estigmas sobre o fenótipo negro do cotidiano escolar. Contudo, como relata uma estudante preta, apelidar pode criar um vínculo de afeto e reforço da negritude em que um apelido

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7950029245619971>; E-mail: rafael.leandrosa@gmail.com.

² Dra. Professora da Faculdade de Educação da UFMG; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4298711727488088>; E-mail: jubtr@yahoo.com.br

³ Dr. Professor da Faculdade de Educação da UFMG; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9871036913331484>; E-mail: gleao2001@gmail.com

inicialmente jocoso, se torna uma forma de ressignificar os apelidos em prol de uma nova visão que politiza a raça.

Palavras-chave: Relações raciais; Intervalo escolar; Jovens negros; Tempos escolares

APRESENTAÇÃO

O Colégio Técnico da UFMG (Coltec) é uma instituição escolar federal localizada no interior da UFMG. Nesta instituição oferta-se cursos de ensino médio integrado ao curso técnico em tempo integral e curso técnico subsequente no período da noite. Em 2022, no curso em tempo integral, o colégio registrou 817 matrículas⁴ (incluindo concluintes, em curso e evadidos). Desse quantitativo, identifica-se na instituição uma população de 36,59% de estudantes autodeclarados negros (sendo 6,36% autodeclarados pretos e 30,23% autodeclarados pardos) e uma população de 45,16% de estudantes autodeclarados brancos, 0,36% de estudantes autodeclarados amarelos e 17,87% não declarados.

No curso técnico integral as/os estudantes possuem uma carga horária de estudos distribuídas entre os turnos da manhã e da tarde, com início às 7h e término às 17h10 (com algumas variações de grade horária por curso). Neste tempo na escola organizam-se intervalos de aula institucionais em três tempos, a saber, das 9:10 às 9:30; das 11:10 às 13:30 ou das 12:00 às 13h30 (a depender da grade curricular do curso) e das 15:10 às 15:30.

Alida Leal (2010) define o intervalo como “tempos interstícios existentes dentro dos horários escolares. Estão contidos na organização do tempo escolar dentro de um mesmo turno. São considerados tempos de intermitência: tempos entre uma aula e outra, horários vagos/janelas e recreios” (n.p.). Com base nisso, o recreio faz parte do tempo de intervalo na escola e é conceituado segundo Beatriz Pereira, Carlos Neto e Peter Smith (2003) como um tempo, de pausa, institucionalizada na escola, das disciplinas formais para os professores e estudantes e como espaço acessível para os estudantes estabelecerem relações de socialização, brincadeiras e práticas de interesse.

José Grigio (2002) compreende os tempos de intervalo como momentos de socialização em que as práticas corporais (e de lazer) mais se manifestam. Ao se manifestarem, entrecruzam valores, crenças, preconceitos e culturas dos diferentes sujeitos que se relacionam neste

⁴ Dados obtidos por meio da plataforma de dados Nilo Peçanha disponível no link <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp> acessado em agosto de 2023.

momento escolar. Nesta mesma direção, Rita Severo (2015) indica que, nos momentos de recreio, esses grupos de convivência ocupam e ressignificam os espaços escolares a partir de suas práticas de lazer e sociabilidade que compõem a sua identidade. Nessa direção, Alexandre Pereira (2016) definirá que a experiência juvenil se refere

às subjetividades juvenis contemporâneas que se estabelecem a partir de diversas relações, além da escolar, a de classe, gênero, sexualidade, raça/etnia, nacionalidade, território, religião, etc. Por isso, a noção de experiência como uma forma importante de aproximação dos diferentes modos de ser jovem em escolas públicas da periferia de São Paulo, que não podem ser reduzidos a uma única perspectiva (p.218).

Sendo a escola e o intervalo este tempo/espço de expressão das mais diversas experiências juvenis se compreende uma especificidade nas experiências de jovens estudantes negras/os, pois como afirma Nilma Gomes (2002, p.41) a trajetória escolar é um “importante momento no processo de construção da identidade negra” em que “a maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, veem o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos” (p.43).

Assim, Nilma Gomes (2010) apresenta a existência de teorias e concepções racistas que adentram a escola por meio dos discursos. A autora destacará os seguintes discursos: 1) “a presença de um discurso sobre a incapacidade intelectual do negro” (p.70) que tem uma relação com as teorias de um racismo científico; 2) “a presença da ideologia do branqueamento, que se revela através de uma tentativa em ‘suavizar’ o pertencimento racial” (p.70) de estudantes com termos como “moreno” e “chocolate”; 3) o discurso da “suposta primitividade da cultura negra” (p.71); e 4) o mito da democracia racial que “privilegia o discurso da igualdade e omite as diferenças, dando margem à consideração de que falar sobre as diferenças é discriminar” (p.71). Dessa forma, esses discursos e ideologias racistas ao adentrarem a escola e serem expressos por diferentes sujeitos escolares, incluindo professoras/es, influenciam diretamente a percepção e a construção da identidade do/a estudante negro/a, em diferentes espaços e tempos escolares, dentre eles o de recreio e de intervalo e as relações étnico-raciais que se desenvolvem nestes momentos.

Compreende-se a partir do Parecer do Ministério da Educação de nº 003/2004, que as relações étnico-raciais se referem as relações entre negros/as e não negros/as em um contexto escolar (mas não somente nele). Estas relações privilegiam a cultura branca e desvalorizam os saberes e a cultura das pessoas negras. A expressão étnico, de étnico-racial, “serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também

devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática” (BRASIL, 2005, p.5).

Assim, compreendendo o intervalo como este tempo e espaço de interstício onde se desenvolvem momentos de socialização entre grupos de convivência de gostos e interesses semelhantes, mas que entrecruza valores, crenças e preconceitos dos diferentes sujeitos, o presente trabalho investe em apresentar uma primeira reflexão de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação (PPGE/Face/UFMG) que tem como objetivo investigar como as relações étnico-raciais se expressam nas experiências de socialização de jovens negras/os estudantes do ensino médio em nível técnico em tempo integral no recreio escolar.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa que “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (KAUAK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.26). Ela está sendo desenvolvida em duas etapas: a primeira delas diz respeito a estratégia de observação participante para refinar o olhar para o cotidiano, os tempos, espaços, sujeitos, territórios, práticas e a organização dos momentos de intervalo do Coltec. Assim, a partir de março de 2023, após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da UFMG e aprovação da pesquisa no Coltec, iniciou-se a ida presencial na escola de segunda a sexta-feira predominantemente nos intervalos de almoço (entre 11:10 e 13:30) e nos horários de intervalo da tarde (entre 15:10 e 15:30). Quando era possível, devido a dinâmica de trabalho na educação básica do pesquisador, a observação era realizada no intervalo da manhã (entre 9:10 e 9:30).

Para ter um olhar mais amplo das atividades, práticas e relações que se estabeleciam nos tempos de intervalo se buscava ao longo dos dias fazer um rodízio entre os espaços a serem observados. Quando aconteciam eventos organizados pela instituição ou pelo Grêmio estudantil se dava preferência a estes eventos, mas quando não havia um evento planejado, mas sim atividades de lazer espontâneas, se buscava circular por diferentes espaços dentro da escola, como o pátio, o banho de sol, as quadras, a cantina, a biblioteca, os corredores dos diferentes andares, a sala de estudos e espaços fora da escola, como o gramado em frente ao colégio. Como as/os estudantes possuem livre acesso de entrada e saída no Coltec, estes estavam presentes em diferentes espaços. Outra estratégia da pesquisa foi almoçar, sempre que possível, no mesmo restaurante universitário onde se concentrava mais estudantes para observar as relações fora da

escola no tempo de intervalo. Em uma dessas relações construídas, um dia fui convidado por duas estudantes negras para almoçar. Conversamos sobre assuntos diversos que se relacionavam com o dia a dia no Coltec e os intervalos.

Por vários momentos estando ali na escola me sentia como um infiltrado que queria colher informações “secretas” das/os jovens. Inclusive alguns até me chamaram de infiltrado em determinado momento e em outro jovens que fumavam e falavam dos esquemas de cola nas provas ficaram com receio da minha presença, até que um jovem negro os tranquilizou e disse que eu era ex-aluno da instituição. Para minimizar esta sensação eu buscava me aproximar de diferentes jovens para ter diálogos e criar vínculos ao longo do processo. Por sorte, fui professor de alguns das/os estudantes quando fui extensionista em 2018 do Centro Pedagógico da UFMG, escola de educação básica. Assim, reconheci muitas/os desses estudantes e muitas/os deles me reconheceram. Este vínculo anterior fez com que esses jovens me inserissem em diferentes atividades, diálogos e práticas do Coltec, me possibilitando uma observação mais próxima das relações nos tempos de intervalo.

Quando estes jovens com os quais já existia um vínculo construído não estavam presentes na escola, eu buscava estabelecer vínculos com outros/as estudantes participando das práticas de lazer como o Fumesa, o vôlei e o truco. Mas nem sempre essa estratégia dava certo. Em vários dias e intervalos a estratégia se deu apenas me assentando em algum espaço específico e observando as relações étnico-raciais que ali se estabeleciam de forma solitária. Fazia o esforço de ocupar inclusive espaços menos movimentados, como o terceiro andar do colégio e os corredores do curso técnico de Análises Clínicas, para entender como se davam ali as relações, mas os eventos esportivos e as práticas de lazer esportivas me cativavam com mais frequência, talvez pela minha formação em educação física e as relações mais explícitas que ali se apresentavam com comentários, brincadeiras, risadas e assuntos dos mais diversos. Em espaços mais vazios e silenciosos era possível encontrar mais jovens descansando ou estudando, o que dificultava uma aproximação.

Outra forma de interação e criação de vínculo se deu pelo fato de ser um ex-coltecano. Assim, era possível puxar assunto com as/os estudantes para entender a realidade atual do Coltec em comparação com a minha formação de 2012 até 2014. É incrível como muitas coisas mudaram e outras permanecem as mesmas na instituição. Além disso, por conhecer os professores/as de educação física da escola em alguns dias, sem um compromisso de observação, mas por estar na escola e gostar da prática pedagógica das/os professoras/es do Coltec eu acompanhei duas ou três aulas de educação física e acabou que nessas visitas o professor regente sempre me apresentava aos estudantes como seu amigo de área, nunca como

pesquisador. Esta presença nas aulas permitiu outras aproximações com outras/os jovens estudantes.

Apesar de todas essas estratégias, com alguns jovens eu não consegui me aproximar e criar vínculos, enquanto com outros estabeleci vínculos que geravam horas de conversa sobre assuntos diversos.

Ao fim de cada intervalo as/os estudantes se encaminhavam para as suas respectivas salas de aula e eu me encaminhava para a sala de informática do colégio, localizada na biblioteca, para registrar no caderno de campo as observações que me chamaram a atenção e refletir sobre tudo o que foi visto e conversado ali no momento.

Na sequência, na segunda etapa da pesquisa, realizou-se dois grupos de discussão (WELLER, 2006), o primeiro deles com seis estudantes negras/os e o segundo com quatro estudantes negras/os da instituição. Estes grupos tiveram como objetivo aprofundar a temática da pesquisa acerca das relações étnico-raciais nos tempos de intervalo escolar. Até a presente escrita, a pesquisa ainda não se aprofundou na análise dos dados decorrentes dos grupos de discussão. Sendo assim, esse trabalho se atém principalmente às observações participantes que despertaram o olhar do pesquisador em diálogo com as diferentes conversas com as/os jovens sobre a socialização e as relações étnico-raciais nos intervalos do Coltec.

JOVENS NEGRAS/OS E OS APELIDOS

Chegando na instituição, foi possível identificar uma escola em que as juventudes utilizam dos tempos e espaços de intervalo para desenvolver diferentes atividades culturais, de lazer e de militância. Destes, observa-se a presença do coletivo LGBTec (que busca compreender a realidade brasileira das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Assexuais, Intersexo, Pansexuais e outras, e agir politicamente na escola), do evento cultural “Senta e Toca”; dos diversos campeonatos de futsal, dentre eles o “Torneio Início”, das diversas mesas de truco, dos jogos de vôlei e de basquete na quadra, a competição de Slam, das palestras organizadas pelo grêmio e por professores da instituição, do descanso, do ócio e entre outras práticas. Essas formas de apropriação dos tempos de intervalo podem atrair ou afastar os estudantes de acordo com seus interesses individuais, mas as práticas dos intervalos são observadas como momentos de encontro entre estudantes de diferentes cursos e diferentes séries escolares.

Quando se observa em específico as juventudes negras nos tempos de intervalo do Coltec, é possível inicialmente identificar que mesmo que os dados de matrícula apresentem

um percentual de 36,59% de estudantes autodeclarados negras/os na instituição o alcance da visão permite identificar uma predominância de estudantes não negras/os frente a estudantes negras/os nos espaços da escola. Com isso, o que se observa é a formação de grupos de amizade nos intervalos no qual existe um maior predomínio de estudantes não negras/os e menos estudantes negras/os. Em determinados momentos, na minoria das vezes, foi possível identificar grupos majoritariamente de estudantes negras/os. Em momentos bem específicos como em uma roda de conversa entre meninas negras na biblioteca ou o grupo de meninos negros que se reuniam para ir jogar futebol na quadra foi possível observar grupos com predomínio de estudantes negras/os.

Por outro lado, chama a atenção que as/os jovens negras/os enriquecem o ambiente de intervalo escolar do Coltec com seus diferentes estilos de cabelo e estilo de roupa. Assim, quando se repara os cabelos das/os estudantes negras/os observa-se as mais variadas texturas de cabelo, dentre elas, crespo, cacheado e ondulado aliado aos mais diferentes cortes e ornamentos, dentre eles, o boné de aba reta, as tranças, o corte americano, os blacks, o durag e o cabelo nudread. Quando se observa as vestimentas, observa-se jovens negros/as que usam de roupas com base na cultura Hip Hop, na cultura skatista, da cultura do funk e da cultura gótica. Essa realidade mostra uma diversidade de possibilidades de ser negro/a e se apresentar visualmente no Coltec. Do mesmo modo, é possível identificar jovens negros/as que se apresentavam no colégio com roupas mais frescas e confortáveis, como bermuda e chinelo, enquanto outras/os se apresentam com roupas mais elaboradas com calça, sapato e inclusive maquiagem em algumas meninas.

Como abordado anteriormente, quando se observa as práticas realizadas pelos/as jovens negras/os nos intervalos, observa-se a presença negra nos mais variados espaços e práticas do Coltec. Existem aqueles que se encontram presentes em espaços mais isolados e quietos, como a biblioteca, a sala de estudos e o terceiro andar da escola, em que preferem realizar atividades mais solitárias de estudo, existem aqueles que rodam por toda a escola em busca da venda de seus produtos, geralmente doces e balas, existem as/os jovens negras/os que optam pela prática esportiva, como basquete, vôlei, futsal e futmesa, existem jovens negras/os que estão a frente da organização dos mais diferentes eventos de esporte e lazer, a frente do setor de Atletica do grêmio, e existem jovens negras/os inseridos em atividades de cunho religioso organizado por estudantes.

Sendo assim, o que se observa no Coltec é uma livre ocupação de jovens negras/os de diferentes espaços, práticas e atividades presentes nos tempos de intervalo escolar em que a todo momento estão socializando entre si, de modo que as relações étnico-raciais ocorrem a

todo momento. Essas relações étnico-raciais estão presentes, por exemplo, em conversas entre estudantes brancas/os e negras/os em que um estudante branco relata o valor das camisas de marca que ele comprou e a estudante negra diz sobre o absurdo desses valores; está na diferença entre as demonstrações de afeto para um estudante negro/a em comparação com um estudante branco/a; está no elogio dado a estudantes negros/as ao seu estilo de cabelo e/ou vestimenta; está presente nas diferentes expressões racistas que se apresentam por meio de brincadeira e/ou zoações que usam do humor nos tempos de intervalo; e entre outras possibilidades.

Destas, chamam a atenção as brincadeiras e zoações de cunho racial. Alexandre Pereira (2016), destaca que as zoações podem ocorrer em dois formatos: o primeiro que se relaciona com uma atividade descontraída com tom de brincadeira que se estabelece como forma de se consolidar amizades; e segundo, a zoeira como atividade jocosa, com caráter de confronto em que se utiliza de aspectos da diferença para afetar outros jovens estudantes ou professoras/es. Assim, o autor indica essa linha tênue da zoeira na escola e indica a presença do apelido com uma expressão da zoação que pode ter um caráter lúdico, de brincadeira, mas também jocoso que pode ou não ter relação com expressões de características raciais e/ou de gênero.

Na mesma direção, Adilson Moreira (2019) indicará que o humor é uma prática social que deixa as relações sociais mais prazerosas, mas que existe uma linha tênue entre o humor e o racismo recreativo, pois como demonstra o autor, o humor racista tem como objetivo perpetuar um projeto social que reforça estigmas e estereótipos dados socialmente a grupos inferiorizados, ou seja, estigmas e estereótipos sobre pessoas negras em diferentes contextos.

No Coltec, quando se observa os apelidos de jovens negras/os, se destaca a existência de apelidos com características raciais que se expressam nos tempos de intervalo. Em conversa com um estudante negro, apelidado no Coltec como “Jamaica”, este estudante me contou que recebeu o apelido por usar tranças que o associavam, segundo o imaginário social, à cultura jamaicana e ao uso da maconha. Em outro momento, outro estudante me relata que seu apelido “Brownie” se deu pelo fato de vender este doce nos tempos de intervalo da escola. “Crispim” era um estudante calouro⁵, recém-chegado na escola, que supostamente se parecia com outro estudante negro do 3º ano e por isso recebeu o mesmo apelido do veterano. Já “Latrell” é um estudante negro que supostamente se parece com o artista Terry Crews quando representou o personagem Latrell no filme “As branqueiras” (2004).

⁵ No Coltec as/os jovens estudantes utilizam das nomenclaturas calouro, aspirante e veterano para indicar o acúmulo de experiência das/os jovens na instituição. Assim, a/o estudante que acaba de entrar na instituição na 1ª série é nomeado de Calouro. A/O estudante da 2ª série Aspirante e a/o estudante da 3ª série são os Veteranos.

Relacionando os apelidos das/os estudantes negras/os, percebe-se que o apelido é construído com base em três aspectos: pelo estereótipo negro que relaciona suas roupas, seu cabelo e a cor da pele a certos contextos e territórios; por meio de ações no intervalo que marcam a presença desse estudante; e por meio da suposta proximidade de aparência entre pessoas negras, no caso do Coltec, proximidade de aparência entre estudantes negros e entre estudante e artistas negros.

Rodrigo Jesus (2018, p. 3) destaca que “no Brasil, os traços fenotípicos (a pigmentação da pele, o tipo de cabelo, o formato dos lábios, sobretudo) são utilizados como importantes elementos de avaliação social dos indivíduos e, geralmente, se transformam na principal fonte de preconceito”. Assim, o autor afirma que essas formas de preconceito reforçam uma hierarquização das raças com predomínio da cultura branca sobre a negra. Nessa perspectiva, se identificam estigmas no processo escolar que (a)normalizam, constroem processos de estereotipia e mecanismos de silenciamento de jovens negras e negros na sala de aula (e nos intervalos). No caso do Coltec, constroem processos de estereotipia que se expressam nos intervalos por meio dos apelidos que cotidianamente são reproduzidos e perpetuados produzindo um ciclo de reprodução racista. Isso fica evidente quando muito dos estudantes não sabem o nome real da pessoa apelidada, mas sabem seu apelido.

Por outro lado, como relata uma estudante negra preta, os apelidos para jovens negros/as podem significar formas de construção de afeto e reforço da negritude. Segundo relata, ela gosta de apelidar as pessoas para criar um vínculo de carinho e afeto. O que chama a atenção é que esta estudante negra utiliza apelidos como bombom e chocolate para se direcionar a estudantes negras/os. Este tipo de apelido, diferente daqueles apresentados anteriormente, relaciona a cor da pele a doces que se aproxima de um reforço positivo para a cor da pele negra e não a um reforço aos estereótipos de pessoas negras. Porém, Nilma Gomes (2010) afirma que o discurso de branqueamento está presente na escola por meio da suavização do pertencimento racial. Assim, esta estudante indica uma possibilidade de apelidos a pessoas negras como forma de carinho e afeto, mas também pode estar caindo nesse processo de suavização da negritude.

De outro modo, as/os jovens também buscam ressignificar os apelidos em busca de um enfrentamento aos estereótipos negros. Jamaica por exemplo, usa do seu apelido para fazer um debate informal nos intervalos sobre o uso de drogas e não se abala com a relação entre o seu cabelo e o mundo do crime. Mesmo recebendo o apelido, dia após dia se apresenta na escola e nos intervalos cada vez mais com o Black crespo maior e com diferentes penteados. Brownie usa o apelido para aumentar as vendas do seu doce. Com isso, ele coloca seu apelido na camisa do time que pertence no Coltec de modo que as pessoas que não o conhecem rapidamente o

identifiquem para comprar o brownie em sua mão aumentando as suas vendas como forma de se manter no Coltec e ainda poder ajudar sua família com os lucros, como já relatou em alguns momentos.

Existem também jovens negras/os e não negras/os que evitam reproduzir os apelidos racistas dados a estudantes negras/os. Foi possível observar isso com Crispim. A maioria das pessoas o chamam por esse apelido, mas algumas pessoas preferem chamá-lo pelo seu nome no diminutivo. Ou no caso do estudante que é apelidado de Latrel em que as/os estudantes optam por chamá-lo pelo seu nome de registro. O que é peculiar neste movimento é que em vários momentos, várias/os estudantes não reconhecem estes jovens negras/os pelo seu nome de registro. Assim, as/os estudantes que evitam reproduzir o apelido, as vezes precisam recorrer ao apelido difundido na escola para fazer as pessoas reconhecerem estes estudantes. Não foi possível nas observações identificar o real motivo desses/as jovens optarem por não reproduzir os apelidos desses jovens no intervalo. Contudo, demonstra um posicionamento destas/es jovens perante os apelidos dados as/aos jovens negras/os.

Apesar de alimentar estereótipos, percebe-se que um apelido racista jocoso promove inicialmente humor e pode se tornar uma forma de vínculo e socialização entre jovens. No caso Coltecano, observa-se que os apelidos se difundem rapidamente entre as/os jovens. Nos intervalos, principalmente em eventos esportivos, quando os corpos negros estão em evidência, rapidamente os apelidos são reconhecidos e reafirmados. Com o passar do tempo estes apelidos se decantam em uma forma de tratamento afetivo e de reconhecimento da pessoa estudante negra, com suas potencialidades. Por exemplo: identificam o Latrel como o principal jogador de Futsal da equipe “Redburros” ou identificam o Brownie como a pessoa que vende doces impecáveis no intervalo.

Sendo assim, o que se observa nos intervalos do Coltec é que um apelido inicialmente jocoso, se torna uma forma de ressignificar os apelidos em prol de uma nova visão sobre a negra e o negro do Coltec que politiza a raça, “rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros” (GOMES, 2012, p.731). Assim, as/os jovens negras/os, as vezes em parceria com alguns estudantes não negras/os, politizam a raça por meio do não uso do apelido, da utilização de apelidos que valorizam a pele negra, por meio de uma ressignificação do apelido em prol de um ganho pessoal, pela proposição de debates a partir do apelido e a partir da reafirmação do seu pertencimento com seu cabelo.

Por fim, com o alcance possível das observações nos intervalos do Coltec, se percebe que estes apelidos são dirigidos predominantemente a jovens negros do sexo masculino. Não se identificou até o momento da pesquisa, nenhum apelido fixo destinado a jovens estudantes

mulheres da escola. O que se identifica são pequenas expressões que dão nomes momentâneos a jovens negras, mas que não se tornam apelidos. Como ocorreu com uma estudante negra, habilidosa no futsal, que foi nomeada por dois estudantes não negros como Ronaldinha em uma partida de futsal. Não se tem dados para identificar a presença dessa predominância de apelidos raciais a jovens negros, mas este dado evidencia que a experiência identitária negra masculina de socialização nos tempos de intervalo são atravessadas por apelidos raciais que reforçam o que Adilson Moreira (2019) definirá como racismo recreativo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adilson Moreira (2019) afirma que o racismo recreativo deve ser compreendido a partir de um projeto racial que “atribui sentidos específicos à raça” (p.30) em que a racialização classifica as pessoas segundo “mecanismos a partir dos quais sentidos culturais são atribuídos a certas características físicas para que um grupo seja visto como diferente” (p.30) em que “a raça é uma marca que representa as relações de poder presentes em dada sociedade” (p.30).

Assim, o autor afirma que este projeto racial se baseia no racismo aversivo que “ocorre principalmente pela expressão de preconceitos sutis, mas persistentes” (p. 33); no racismo simbólico em que “negritude está ligada a uma série infinita de significações de caráter negativo” (p.34); no racismo institucional que é “parte do funcionamento normal de instituições públicas e privadas que não levam em consideração o impacto de suas decisões ou de suas omissões na vida dos diferentes grupos raciais” (p.35); que se apresente por meio de microagressões entendida como comportamentos conscientes e inconscientes que se “manifestam na forma de expressões verbais, de representações culturais e de reações físicas como rituais sociais que demonstram desprezo por minorias raciais” (p. 37) de forma que o humor racista utiliza do seu caráter cômico para reproduzir estereótipos.

Sendo assim, a presente pesquisa de mestrado, em desenvolvimento, demonstra que em uma escola que possui uma maior presença de estudantes não negras/os, as relações étnico-raciais nos intervalos se expressam por meio de processos de estereotipia e estigmas que marcam a formação identitária das/os estudantes negras/os a partir de apelidos racistas. Estes apelidos destinados a jovens negros do sexo masculino utilizam do humor racista para gerar riso no momento da criação do apelido, enquanto representa uma microagressão a identidade negra juvenil que se baseia de forma consciente ou inconsciente em um racismo aversivo, simbólico e institucional.

Quando se observa a presença da instituição escolar Coltecana em relação ao debate e formação antirracista das/os estudantes nos intervalos o que se identifica é uma ausência e uma omissão por parte da instituição, reforçando o seu caráter de racismo institucional. O que se identifica nos intervalos são movimentos estudantis de organização de um movimento negro do Coltec, contudo estes movimentos ainda se mostram muito incipientes. Até outubro de 2023 as/os estudantes conseguiram organizar apenas dois encontros sobre essa temática étnico-racial com o aporte do movimento negro do Coltec.

Contudo, essas/es jovens negras/os ressignificam estes apelidos em prol de uma reafirmação e ressignificação de sua negritude em que utilizam do apelido para construir vínculo de afeto e resistem cotidianamente para ressignificar os estereótipos por meio dos cabelos e dos estilos da cultura negra como é o caso de Jamal que se apropria e ressignifica o apelido.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: junho, 2005.

GARIGLIO, José Ângelo. A educação física no currículo de uma escola profissionalizante: um caso sui generis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 6/7, p. 67–82, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>. Acesso em: 22 ago. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 727-744, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação**, nº21, p. 40-51, 2002

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa**: um guia prático. Itabuna / Bahia: Via Litterarum Editora, 2010. 89 p.

LEAL, Álida Angélica Alves; Intervalo. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Outros ritmos em escolas da periferia de São Paulo. **Educação & Realidade**, v. 41, p. 217-237, 2016.

PEREIRA, Beatriz.; NETO, Carlos.; SMITH, Peter. (2003). Os Espaços de Recreio e a Prevenção do “Bullying” na Escola. In C. Neto (Ed.). **Jogo e Desenvolvimento da Criança** (p. 238- 257). Cruz Quebrada: mh edições.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. Identidades juvenis contemporâneas e espaços e tempos escolares: algo está fora da ordem?. **Nonada: Letras em Revista**, v. 1, n. 24, p. 27-39, 2015.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

WELLER, Wivian. Grupo de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006